

Benjamin Alire Sáenz

*a lógica
inexplicável
da minha
vida*

Tradução

FLÁVIA SOUTO MAIOR

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by Benjamin Alire Sáenz
Tradução publicada mediante acordo com Clarion Books, um selo da Houghton Mifflin
Harcourt Publishing Company.
Os direitos morais do autor foram garantidos.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Inexplicable Logic of my Life
CAPA Claudia Espínola de Carvalho
IMAGENS DE CAPA Shutterstock
CALIGRAFIA DA CAPA Flávia Zimbardi
PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima
REVISÃO Giovanna Serra e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sáenz, Benjamin Alire
A lógica inexplicável da minha vida / Benjamin Alire
Sáenz ; tradução Flávia Souto Maior. — 1ª ed. — São
Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: The Inexplicable Logic of my Life.
ISBN 978-85-5534-044-4

1. Ficção 2. Ficção norte-americana I. Título.

17-04390 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.






Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte
 @editoraseguinte
 Editoraseguinte
 editoraseguinte
 editoraseguinteoficial

*Para minha irmã mais nova, Gloria,
que eu amava quando garoto.
E amo ainda mais como adulto.
E em memória de minha irmã mais velha,
Linda, que viveu com graça,
a despeito do sofrimento.*

Prólogo

TENHO UMA LEMBRANÇA QUE É QUASE COMO UM SONHO: as folhas amareladas da amoreira da Mima caindo do céu como flocos de neve gigantes. O sol de novembro brilhando, a brisa fresca e as sombras da tarde dançando com uma vivacidade que vai muito além do meu entendimento de garoto. Mima está cantando em espanhol. Há mais canções dentro dela do que folhas em seu jardim.

Ela junta as folhas caídas com uma vassoura. Quando termina, se abaixa e abotoa meu casaco. Ela olha para sua pirâmide de folhas, depois para os meus olhos e diz:

— Pule!

Corro e pulo sobre as folhas, que cheiram a terra úmida.

A tarde toda, eu me banho nas águas daquelas folhas.

Quando me canso, Mima segura minha mão. Enquanto voltamos para dentro de casa, eu paro, escolho algumas folhas do chão e entrego para ela com minhas mãos de criança de cinco anos. Ela pega as folhas frágeis e as beija.

Ela está feliz.

E eu? Nunca estive tão feliz.

Guardo essa lembrança em algum lugar bem lá no fundo — onde é seguro. Eu a resgato e olho para ela quando preciso. Como se fosse uma fotografia.

Parte um

*Talvez eu sempre tenha tido uma ideia errada
sobre quem eu realmente era.*

A vida começa

NUVENS ESCURAS SE FORMAVAM NO CÉU e o ar da manhã dava indícios de chuva. Senti a brisa fresca no rosto ao sair pela porta da frente. O verão havia sido longo e preguiçoso, repleto de dias quentes e sem chuva.

Esses dias tinham chegado ao fim.

Primeiro dia de aula. Último ano. Sempre me perguntei como seria estar no último ano. E agora estava prestes a descobrir. A vida estava começando. Essa era a história, de acordo com Sam, minha melhor amiga. Ela sabia de tudo. Ter uma melhor amiga que sabe de tudo economiza muito esforço. Se você tiver uma dúvida sobre qualquer coisa, só precisa perguntar, e ela simplesmente dará a informação de que você precisa. Não que a vida se resume a informações.

A Sam era esperta demais. E sabia das coisas. Muitas e muitas coisas. Ela também *sentia* coisas. Ah, cara, Sam sabia sentir. Às vezes eu achava que ela pensava, sentia e vivia por nós dois.

Sam sabia quem ela era.

E eu? Acho que nem sempre tive tanta certeza. E daí se às vezes a Sam era uma exibicionista emocional, cheia de altos e baixos?

Ela podia ser um furacão. Mas também podia ser uma vela suave iluminando um quarto escuro. E daí se ela me deixava meio louco? Tudo isso — toda a bagagem emocional, as mudanças de humor e os tons de voz — fazia com que ela parecesse incrivelmente viva.

Comigo já era outra história. Gostava de ir com calma. Acho que tinha esse lance de controle sobre mim mesmo. Mas, de vez em quando, tinha a sensação de não estar vivendo. Talvez precisasse da Sam, porque, ao lado dela, eu me sentia mais vivo. O que pode não ser lógico, mas por vezes o que chamamos de lógica é algo superestimado.

Então, no primeiro dia de aula, o suposto início de nossa vida, eu estava falando sozinho enquanto andava até a casa de Sam. Íamos a pé juntos para a escola todos os dias. Não tínhamos carro. Merda. Meu pai gostava de me lembrar de que eu não precisava de carro. “Você tem pernas, não tem?” Eu amava meu pai, mas nem sempre gostava de seu senso de humor.

Mandei uma mensagem quando cheguei em frente à casa dela: *Já estou aqui!* Ela não respondeu.

Fiquei lá esperando. Sabe, tive aquela sensação estranha de que as coisas não seriam como antes. Sam chamava essas sensações de premonições. Dizia que não devíamos confiar nelas. Ela consultou uma leitora de mãos quando estava no nono ano e virou cética de imediato. Ainda assim, aquela sensação me perturbava porque eu queria que as coisas permanecessem iguais — eu gostava da vida que tinha. Se as coisas pudessem ser para sempre como eram agora. Se ao menos fosse possível. E, sabe, esse não é o tipo de conversinha que eu gostava de ter comigo mesmo — e ela não estaria acontecendo se a Sam tivesse noção do tempo. Eu sabia o que estava acontecendo. Os sapatos. Sam nunca conseguia decidir que sapato usar. E, como era o primeiro dia de aula, isso era importante. Sam. Sam e seus sapatos.

Finalmente, enquanto eu mandava uma mensagem para o Fito, ela saiu de casa. Os dramas dele eram diferentes dos de Sam. Eu nunca tive que viver no tipo de caos que Fito enfrentava todos os dias, mas achava que ele estava se saindo muito bem.

— Oi — Sam disse ao sair, alheia ao fato de que eu estava parado ali, esperando. Ela estava de vestido azul. A mochila combinava com o vestido e os brincos balançavam com a brisa leve. Nos pés? Chinelo. Chinelo? Esperei

esse tempo todo por causa de um par de chinelos que ela comprou em uma loja de departamentos?

— Ótimo dia — ela disse, toda sorridente e entusiasmada.

— Chinelo? — perguntei. — Foi por isso que fiquei esperando?

Ela não ia me deixar azedar seu humor.

— É perfeito. — Ela deu outro sorriso e um beijo no meu rosto.

— Pra que isso?

— Pra dar sorte. Último ano.

— Último ano. E depois?

— Faculdade!

— Não mencione essa palavra de novo. Só falamos sobre isso o verão inteiro.

— Errado. Eu só falei sobre isso. Você estava meio ausente naquelas conversas.

— Conversas. Tem certeza de que eram isso? Achei que fossem monólogos.

— Supera, vai. Faculdade! Vida, meu bem! — Ela deu um soco no ar.

— É. Vida — repeti.

Sam me olhou daquele seu jeito.

— Primeiro dia. Vamos arrasar.

Sorrimos um para o outro e seguimos nosso caminho. Para começar a viver.

O primeiro dia de aula foi completamente dispensável. Eu costumava gostar do primeiro dia — todo mundo de roupa nova, com sorrisos otimistas no rosto, a atitude positiva pairando no ar como balões de gás em um desfile e as frases motivacionais de sempre: “Vamos fazer deste ano o melhor de todos!”. Todos os professores, com a esperança de que pudessem realmente nos motivar a aprender alguma coisa, diziam que só dependia de nós subir as escadas do sucesso. Talvez só fosse uma tentativa de modificar nosso com-

portamento. Vamos encarar a verdade: muitos aspectos de nosso comportamento precisavam ser modificados. Sam disse que noventa por cento dos alunos do colégio El Paso necessitavam de terapia comportamental.

Esse ano eu simplesmente *não* estava no clima para o primeiro dia de aula. Não. E, é claro, Ali Gomez sentou na minha frente na aula de inglês avançado pelo terceiro ano consecutivo. Pois é, Ali, uma cabeça de vento que já foi da minha sala em outros anos e que dava em cima de mim com a esperança de que eu a ajudasse com a lição de casa. Ajudar, no caso, significava fazer para ela. Como se isso fosse acontecer. Eu não fazia ideia de como ela tinha conseguido vaga nas aulas avançadas. Era a prova viva de que nosso sistema educacional era questionável. É, primeiro dia de aula. Dis-pen-sá-vel.

Só o Fito não apareceu. Fiquei preocupado com o cara.

Encontrei a mãe dele apenas uma vez e ela não parecia viver nesse planeta. Os irmãos mais velhos dele tinham trocado a escola por substâncias entorpecentes, seguindo os passos da mãe. Quando a conheci, seus olhos estavam totalmente vermelhos e vidrados, os cabelos, emaranhados, e ela cheirava mal. Fito ficou muito constrangido. Pobre Fito. Certo, acontece que eu era do tipo que se preocupa. E odiava isso.

Sam e eu estávamos voltando para casa depois daquele dispensável primeiro dia de aula. Parecia que ia chover e, como a maioria dos ratos do deserto, eu adorava a chuva.

— O ar está com um cheiro bom — eu disse.

— Você não está prestando atenção no que estou falando — ela disse. Eu estava acostumado com esse tom irritado que Sam às vezes usava comigo. Ela não parava de falar sobre beija-flores. Ela adorava beija-flores. Até tinha uma camiseta com um beija-flor. Sam e suas fases. — O coração deles chega a mil duzentas e sessenta batidas por minuto.

Sorri.

— Você está rindo da minha cara — ela disse.

— Eu não estava rindo da sua cara — respondi. — Só estava sorrindo.

— Eu conheço todos os seus sorrisos — ela disse. — Esse é o irônico, Sally.

Sam tinha começado a me chamar de Sally no sétimo ano porque, apesar de gostar do meu nome, Salvador, ela achava que era um pouco demais para um cara como eu. “Eu vou começar a te chamar de Salvador quando você virar um homem — e, meu bem, você ainda está muito longe disso.” Sam realmente não gostava de me chamar de Sal, como todo mundo fazia — menos o meu pai, para quem eu era Salvie. Então ela pegou a mania de me chamar de Sally. Eu odiava. Que cara normal quer ser chamado de Sally? (Não que eu fosse muito normal.) Veja, era impossível dizer para a Sam não fazer alguma coisa. Se alguém dizia a ela para não fazer uma coisa, noventa e sete por cento do tempo ela fazia. Ninguém conseguia vencê-la em matéria de teimosia. Ela apenas me olhava daquele jeito que significava que eu teria que aceitar. Então, para Sam, eu era Sally.

Foi quando comecei a chamá-la de Sammy. Todo mundo precisa encontrar um jeito de equilibrar o placar. Bem, ela estava me fornecendo as estatísticas sobre os beija-flores. Começou a ficar brava comigo e a me acusar de não levá-la a sério. Sam detestava ser ignorada. UMA MULHER COM CONTEÚDO MORA AQUI. Foi o que ela escreveu no seu armário da escola. Acho que passava a noite acordada pensando em frases de efeito. A parte do *conteúdo*, bom, eu entendia. Sam não era uma pessoa superficial. Mas eu gostava de lembrá-la que, se eu estava bem longe de me tornar um homem, ela estava ainda mais de ser uma mulher — um lembrete que nunca a deixava feliz e era sempre respondido com um olhar de “cala a boca”.

Enquanto caminhávamos, ela continuava falando sobre beija-flores e reclamando da minha incapacidade crônica de prestar atenção no que ela dizia. E eu estava pensando: *Cara, quando a Sam começa, não para mais*. Ela estava mesmo pegando no meu pé. Finalmente, eu tive que interrompê-la — sério, *eu tive*.

— Por que você sempre tem que me provocar, Sammy? Cara, não estou

brincando. Até parece que você não sabe que eu não sou muito chegado em números. Eu e os números somos uma combinação *no buena*. Quando você fica citando estatísticas, meus olhos embaçam.

Como meu pai gostava de dizer, Sam era “inabalável”. Ela começou outra vez, mas dessa vez não fui eu que a interrompi — foi o Enrique Infante. Ele apareceu atrás de nós enquanto Sam e eu estávamos andando. De repente, pulou diante de mim e ficou na minha frente. Olhou bem para mim, pôs o dedo no meu peito e disse:

— Seu pai é uma bicha.

Alguma coisa aconteceu dentro de mim. Uma onda enorme e incontrolável percorreu meu corpo e quebrou na praia, que, no caso, era o meu coração. De repente, perdi a capacidade de usar palavras e, sei lá, eu nunca tinha ficado tão enfurecido e não sabia o que estava acontecendo de verdade, porque raiva não era um sentimento comum para mim. Era como se eu, o Sal que eu conhecia, tivesse ido embora e outro Sal tivesse entrado no meu corpo e assumido o controle. Eu me lembro da dor que senti no punho logo depois de ter acertado a cara do Enrique Infante. Tudo aconteceu num instante, como um raio, só que o raio não tinha vindo do céu, mas sim de algum lugar dentro de mim. Ver todo aquele sangue escorrendo do nariz de outra pessoa fez com que eu me sentisse vivo. Fez mesmo. Essa é a verdade. E aquilo me assustava.

Havia alguma coisa dentro de mim que me assustava.

Depois disso, só me lembro de estar olhando para o Enrique caído no chão. Eu havia recuperado meu estado calmo — bem, *calmo* não é o termo, mas pelo menos já conseguia falar. E disse:

— Meu pai é um homem. Ele tem nome. O nome dele é Vicente. Se você quiser chamá-lo de alguma coisa, chame pelo nome. E ele *não é* uma bicha.

Sam ficou me olhando. Eu olhei para ela.

— Isso é novidade — ela disse. — O que aconteceu com o bom garoto? Nunca imaginei que você fosse capaz de dar um soco em alguém.

— Nem eu — afirmei.

Sam sorriu para mim. Foi um sorriso meio estranho.

Olhei para o Enrique. Tentei ajudá-lo a se levantar, mas ele não quis.

— Vai se foder — ele disse enquanto levantava sozinho.

Sam e eu observamos enquanto ele se afastava.

Ele se virou e mostrou o dedo do meio.

Fiquei meio surpreso. Olhei para Sam.

— Talvez a gente nem sempre saiba o que existe dentro de nós.

— É verdade — Sam disse. — Acho que muitas coisas conseguem encontrar uma maneira de se esconder.

— Talvez essas coisas deversem ficar escondidas — afirmei.

Devagar, seguimos para casa. Sam e eu não dissemos nada por um bom tempo e aquele silêncio entre nós era muito perturbador. Enfim, ela disse:

— Que jeito ótimo de começar o último ano.

Foi quando eu comecei a tremer.

— Ei, ei — ela disse. — Eu não te falei hoje de manhã que tínhamos que arrasar? Você arrasou o nariz dele.

— Engraçadinha — eu disse.

— Veja, Sally, ele mereceu. — Ela me deu um sorriso. Um daqueles que diziam *não esquentar*. — O.k., tudo bem, é melhor você não sair batendo nos outros. *No bueno*. Mas talvez exista um rebelde dentro de você, só esperando para sair.

— Não, sem chance. — Eu disse a mim mesmo que aquela tinha sido só uma situação muito estranha. Mas algo me dizia que ela tinha razão. Ou um pouco de razão, pelo menos. Confuso. Era como eu me sentia. Talvez Sam estivesse certa sobre as coisas se esconderem dentro de nós. Quantas outras coisas estariam escondidas ali?

Andamos o resto do caminho em silêncio. Quando estávamos perto da casa de Sam, ela disse:

— Vamos até o mercado. Eu te pago uma coca. — Às vezes eu tomava coca. Dava uma espécie de conforto.

Sentamos na calçada e tomamos nosso refrigerante.

Quando deixei Sam em casa, ela me abraçou.

— Vai ficar tudo bem, Sally.

— Você sabe que eles vão ligar para o meu pai.

— É, mas o sr. V é legal. — Sr. V era como Sam chamava o meu pai.

— É — respondi. — Mas o sr. V, no caso, é o meu pai. E pai é pai.

— *Vai dar tudo certo, Sally.*

— É — eu disse. Às vezes, eu era cheio de “és” superdesanimados.

Enquanto ia para casa, lembrei do ódio no rosto de Enrique Infante. Ainda era capaz de ouvir a palavra *bicha* zumbindo nos meus ouvidos.

Meu pai. Meu pai *não era* aquela palavra.

Ele nunca seria aquela palavra. Jamais.

Então ouvi um trovão — e a chuva começou a cair.

Não conseguia ver nada à minha frente quando a tempestade desabou. Continuei andando, de cabeça baixa.

Simplesmente continuei andando.

Senti o peso das minhas roupas encharcadas. E, pela primeira vez na vida, me senti sozinho.

Eu, meu pai, problema

EU SABIA QUE ESTAVA FERRADO. Muito mesmo. Eu estava na merda. Meu pai, que às vezes era rígido, mas sempre compreensivo, e *que nunca gritava*, entrou no meu quarto. Minha cachorra, Maggie, estava deitada na cama ao meu lado. Ela sempre sabia quando eu estava me sentindo mal. Então lá estávamos, Maggie e eu. Acho que é possível dizer que eu estava com pena de mim mesmo. Era uma sensação esquisita, porque sentir pena de mim mesmo estava longe de ser um dos meus passatempos. Isso era coisa da Sam.

Meu pai puxou a cadeira da escrivaninha e sentou. Ele sorriu. Eu conhecia aquele sorriso. Ele sempre sorria antes de começar uma conversa séria. Passou os dedos pelos espessos cabelos grisalhos.

— Acabei de receber uma ligação do diretor da sua escola.

Acho que desviei os olhos.

— Olhe para mim — ele disse.

Olhei nos olhos dele. Ficamos olhando um para o outro por um bom tempo. Fiquei feliz por ver que ele não estava com raiva. Em seguida ele disse:

— Salvador, não é certo machucar as pessoas. E com certeza não é certo sair por aí dando soco na cara dos outros.

Quando ele me chamava de *Salvador*, sabia que estava falando sério.

— Eu sei, pai. Mas você não sabe o que ele falou.

— Não importa o que ele falou. Ninguém merece sofrer agressão física só porque disse alguma coisa que não te agradou.

Fiquei em silêncio por um bom tempo. Finalmente, decidi que precisava me defender. Ou, pelo menos, justificar minhas ações.

— Ele falou uma coisa horrível sobre você, pai. — Em outra ocasião, eu poderia ter chorado. Mas ainda estava irritado demais para chorar. Meu pai sempre dizia que não havia nada de errado em chorar e que, se as pessoas chorassem mais, o mundo seria um lugar melhor. Mas ele não seguia o próprio conselho. E, ainda que eu não estivesse chorando, dava para notar que estava meio envergonhado, estava *mesmo*, ou não estaria de cabeça baixa. Senti meu pai me abraçando, então me aproximei dele e sussurrei. — Ele te chamou de bicha.

— Ah, filho — ele disse —, você acha que nunca ouvi essa palavra? Já ouvi coisa pior. Essa palavra não carrega verdade alguma, Salvie. — Ele pegou nos meus ombros e olhou para mim. — As pessoas podem ser muito cruéis. Elas odeiam o que não conseguem entender.

— Mas, pai, elas não querem entender.

— Talvez não queiram. Mas temos que encontrar um jeito de nos disciplinar para que a crueldade deles não nos transforme em animais feridos. Somos melhores do que isso. Nunca ouviu a palavra *civilizados*?

Civilizados. Meu pai adorava essa palavra. Era por isso que ele amava arte. Porque ela civilizou o mundo.

— É, pai — eu disse. — Eu *entendo*. Mas o que acontece quando um maldito selvagem como Enrique Infante está fungando no seu pescoço? — Comecei a acariciar Maggie. — Tipo, a Maggie é mais humana do que gente como ele.

— Não discordo do que você disse, Salvie. A Maggie é muito dócil. Ela é meiga. E algumas pessoas nesse mundo são muito mais selvagens do que ela. Nem todo mundo que anda sobre duas pernas é bom e digno. Nem todo mundo que anda sobre duas pernas sabe usar a inteligência. Mas você já sabia disso. Só precisa aprender a se afastar das pessoas selvagens que gostam de rugir. Elas podem morder. Podem te machucar. Não siga por esse caminho.

— Eu tinha que fazer alguma coisa.

— Não é uma boa ideia pular no esgoto para pegar um rato.

— Então simplesmente deixamos as pessoas saírem numa boa?

— Como, exatamente, o Enrique sairia numa boa? O que ele ganhou com isso?

— Ele chamou você de *bicha*, pai. Você não pode simplesmente deixar as pessoas tirarem sua dignidade.

— Ele não tirou minha dignidade. E também não tirou a sua, Salvie. Você acha mesmo que um soco no nariz mudou alguma coisa?

— Ninguém vai ficar xingando você. Não na minha frente. — Então senti as lágrimas escorrendo pelo rosto. O interessante das lágrimas é que elas podem ser silenciosas como uma nuvem flutuando por um céu deserto. E elas faziam meu coração doer. *Ai*.

— Que gracinha — ele sussurrou. — Você é leal e tão amável.

Meu pai sempre dizia que eu era amável. Às vezes isso me deixava muito irritado. Primeiro porque eu não era tão amável quanto ele pensava e, segundo, que garoto normal quer ser considerado amável? (Talvez eu *pudesse* tentar ser *normal*.)

Quando meu pai saiu do quarto, Maggie foi atrás dele. Ela deve ter achado que eu ia ficar bem.

Fiquei um bom tempo deitado no chão. Pensei nos beija-flores. Pensei na palavra em espanhol para eles: *colibrís*. Lembrei que Sam havia me dito que o beija-flor era o deus da guerra na mitologia asteca. Talvez eu tivesse um pouco de guerra dentro de mim. Não, não, não, não. Não era nada de mais. Certamente não aconteceria de novo. Eu não era do tipo que saía por aí socando o nariz dos outros. *Eu não era esse tipo de cara*.

Não sei por quanto tempo fiquei deitado no chão naquela noite. Não apareci na cozinha para jantar. Ouvi meu pai e Maggie entrando no meu quarto escuro. Maggie pulou na minha cama e meu pai acendeu a luz. Estava com um livro na mão. Sorriu para mim e pôs a mão no meu rosto — do mesmo jeito que fazia quando eu era criança. Leu a minha passagem preferida de *O pequeno príncipe*, sobre a raposa, o menino e cativar as pessoas.

Acho que eu poderia ser um garoto selvagem e raivoso se outra pessoa tivesse me criado. Talvez, se tivesse sido criado pelo homem de quem herdei os genes, fosse um cara completamente diferente. É, o cara de quem herdei os genes. Eu nunca tinha parado para pensar direito nele. Não muito. Bem, talvez um pouco.

Mas quem me criou foi meu pai, o homem que estava no meu quarto e tinha acendido a luz. Ele havia me cativado com todo o amor que tinha dentro de si.

Adormeci ouvindo a voz do meu pai.

Sonhei com meu avô. Ele estava tentando me dizer alguma coisa, mas eu não conseguia escutá-lo. Talvez fosse pelo fato de ele estar morto e de os vivos não entenderem a linguagem dos mortos. Fiquei repetindo o nome dele. *Popo? Popo?*